

# Se bem me lembro...: o gênero memória e as perspectivas das olimpíadas de língua portuguesa no ensino de literatura

*If i remember ...: the memory gender and the perspectives of the olimpíadas de língua portuguesa in literature education*

Gleiser Mateus Ferreira Valério<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como finalidade a análise da proposta das Olimpíadas de Língua Portuguesa (OLP) para alunos de 7º e 8º ano, ou seja, a produção textual do gênero memória - obras selecionadas e autores conhecidos, tal como as oficinas realizadas em sala de aula. Esta perspectiva traz à tona questões sobre o uso da Literatura na escola, com base em material que foge ao padrão de ensino literário tradicional, ao ter como foco o trabalho diferenciado oferecido pelo concurso promovido pelo MEC e como este atinge seu público alvo - alunos de escola pública, com intuito de promover o processo de interpretação, recriação e diálogo com a Literatura. Sendo assim, será analisado o processo de leitura das obras da coleção proposta pelas Olimpíadas, bem como as oficinas criadas para as discussões em sala, dando a devida importância ao processo de recepção por parte do leitor/aluno como alvo final. Desta forma, será valorizada a interpretação de si como parte mundo em que vive, realizada a partir do conceito de recepção em diálogo com o conceito de memória literária, enquanto elemento essencial na formação da identidade do indivíduo.

**Palavras-chave:** Literatura; Memória; Recepção; OLP; Ensino.

**Abstract:** The purpose of this article is to analyze the proposal of the Olimpíadas de Língua Portuguesa (OLP) for 7th and 8th grade students, the textual production of the memory genre - selected works and known authors, such as the workshops held in the class. This perspective

---

<sup>1</sup>Mestre em Literatura pela Universidade de Brasília – Brasil. E-mail: [gleisermateus@hotmail.com](mailto:gleisermateus@hotmail.com).

raises questions about the use of Literature in school, based on material that escapes the standard of traditional literary teaching, focusing on the differentiated work offered by the contest promoted by MEC and how it reaches its target audience - students of Public school, in order to promote the process of interpretation, recreation and dialogue with Literature. Therefore, it will be analyzed the process of reading the works of the collection proposed by the OLP, as well as the workshops created for the discussions in the classroom, giving due importance to the reception process by the reader/student as the final target. In this way, the interpretation of the student by himself will be valued as part of the world in which it lives, based on the concept of reception in dialogue with the concept of literary memory, as an essential element in the formation of the identity of the individual.

**Keywords:** Literature; Memory; Reception; OLP; Learning.

## 1. Introdução

O presente artigo tem como foco o projeto desenvolvido pelo Ministério da Educação, Olimpíada de Língua Portuguesa, utilizado e discutido nas escolas de todo o Brasil e que oferece, ao professor, possibilidades de analisar a importância da leitura e a capacidade de produção textual do aluno a partir das impressões geradas pelas obras lidas e pela mediação realizada em sala de aula.

Início com uma crítica à apresentação do material fornecido às escolas. Apesar de sua perspectiva emancipadora, de desenvolver a aprendizagem da leitura e da escrita, bem como reduzir o fracasso escolar e a exclusão social, por meio de um diálogo entre o texto e a produção em sala de aula, em momento nenhum a palavra Literatura é citada.

Talvez, por ter como foco e título "língua portuguesa", os idealizadores imaginaram que a perspectiva maior seria o ensino da linguagem e como ela aprimora a interpretação do aluno por meio de sua coletânea e de suas oficinas. Contudo, trata-se de um projeto primordialmente literário, voltado para alunos do ensino fundamental e médio e que traz como resultado gêneros caros à teoria literária, a saber: poesia, memória e crônica.

Para estabelecer este diálogo entre a proposta das olimpíadas e teoria literária, inicialmente será analisado o material que chega às escolas e que serve como norteador das atividades. Para tal serão trazidos conceitos da crítica

literária, chegando a percepções da atividade docente e dos resultados obtidos em alguns anos em que realizo o trabalho nas escolas, desde 2008.

## **2. O caderno do professor e a coletânea de textos - o primeiro momento do diálogo**

O material apresentado às escolas para a elaboração das memórias dos alunos, as quais serão selecionadas e entregues para a avaliação do projeto em etapas que vão do institucional (a escola) ao nacional (país), consiste em: uma coletânea de memórias literárias de autores significativos do meio acadêmico como Zélia Gattai, João Ubaldo Ribeiro, Tatiana Belinsky, Manoel de Barros, entre outros, o caderno do professor com orientações para a produção dos textos e um cd com leitura (porque não dizer, por vezes, dramática) de alguns contos.

O que encontramos é um material extenso, composto por várias oficinas que vão da introdução ao gênero memória, chegando ao título final, bastante significativo: “Agora é sua vez”. Podemos perceber que se trata de um material que faz um apanhado gradual das atividades a ser desenvolvidas pelo professor em sala de aula, dicas que auxiliarão em um resultado final que incite o aluno a escrever.

Para muitos, essas oficinas podem representar mais uma das fórmulas ou esquemas criados para ensinar o aluno sobre Literatura. Num primeiro olhar, voltamos automaticamente à preocupação de Todorov em seu *A Literatura em perigo*: o receio de se manter uma educação voltada para ler as obras com o objetivo de dominar um método de ensino, gerando um processo que dificilmente poderá ter como consequência “o amor pela literatura” (TODOROV, 2009, p.33).

Por mais que uma visão inicial permita essa interpretação, a leitura do material nos faz perceber que as possibilidades não são limitadas por uma forma única de trabalho. As oficinas, e as coletâneas, nada mais são que dicas, possibilidades que contarão com as escolhas do professor para que se concretize no resultado positivo de aprendizagem, algo que leve à fruição da leitura da obra, associando-a com a percepção sobre o mundo que cerca o aluno, ou ainda melhor, o estar no mundo.

Os objetivos das oficinas já deixam pistas dos elementos para perceber este vasto campo de possibilidades que as atividades oferecerão. Para conhecimento, são eles: valorizar a experiência das pessoas mais velhas (em destaque, de sua comunidade), compreender o que é memória, perceber como os objetos e imagens podem trazer lembranças de um passado e observar que as memórias podem ser registradas oralmente e por escrito.

De tal maneira, as etapas do processo contarão com as leituras das memórias da coletânea em sala de aula, realizada num primeiro momento de maneira individual e silenciosa, passando para a coletiva em voz alta e, por fim, a audição do cd, ocorrendo com auxílio de sons que façam o aluno imergir no ambiente proposto pelo texto, beirando o tom teatral.

Cada uma dessas memórias serão parte das oficinas a ser realizadas, não em poucos dias, mas num processo que demora aproximadamente dois meses. Não há pressa para o resultado final, mas a importância recai sobre a qualidade do produzido e a validade do processo e da experiência em sala de aula.

Várias são as etapas propostas para auxiliar na interpretação: diálogos em sala, apresentação do aluno sobre sua vida, entrevista com os pais ou membros mais antigos da comunidade, seleção de fotos ou imagens que representem seu espaço de vivência para troca em sala de aula, produção coletiva de textos dos estudantes, entre outras. Cabe ressaltar que, por ainda serem jovens, a proposta da Olimpíada solicita que utilizem as experiências adquiridas ao entrevistar uma pessoa mais velha para criar as memórias. Não que os adolescentes do ambiente escolar não possam apresentar lembranças ou relatos válidos para uma boa produção final, até porque, em aula, várias situações são lembradas nas leituras das obras da coletânea de autores e colocadas em discussão com a turma, porém o objetivo do projeto é trazer à baila questões que envolvam toda a comunidade da qual o aluno faz parte como integrante e façam da escola um espaço para que essa voz seja ouvida.

Pela entrevista com os pais ou membros do bairro, se conhece um pouco mais da realidade, vivenciam-se as experiências passadas de seu povo e abre-

se espaço para que o aluno desenvolva um primeiro passo para o ato de criação. Por meio dos relatos recolhidos, o jovem assume a voz do narrador para uma primeira experiência de construção do outro, estabelece um diálogo entre a Literatura e as histórias do cotidiano e produzir o que, para muitos, seria uma primeira experiência enquanto escritor. Ele vivencia o ato de composição por meio de uma espécie de autobiografia, não de famosos, mas de ilustres anônimos de seu dia a dia.

As propostas das Olimpíadas dialogam com o que preconiza Lejeune, em *O pacto autobiográfico*, visto o ato de entrevistar fazer com que o indivíduo perceba a importância de suas experiências, mesmo na humildade de sua existência em uma região periférica do Distrito Federal, marcada por uma vulnerabilidade social extrema. Destaca-se, neste ponto, a importância dessa exposição da vida, como declara Lejeune (2014, p. 181):

Ao levar alguém a contar longamente sua vida, ao partir metodicamente em busca de seu desejo de falar, ao oferecer a escuta que ele estava precisando, desencadeia-se um processo capital para ele, revolve-se bruscamente em todo um passado que não estava forçosamente pedindo para ressurgir. A emoção ou a perturbação são por vezes profundas. O prazer também está presente certamente: a alegria de falar, a alegria principalmente de ser ouvido por alguém que, dessa forma, reconhece o valor de sua vida.

Nesta alegria de poder se expressar, de ser visto e ouvido, o aluno e em contrapartida os membros de seu bairro conseguem estabelecer diálogo entre a Literatura apresentada pelo professor e sua própria vida. Se as palavras rebuscadas dos autores escolhidos para ser lidos em sala e as narrativas elaboradas por padrões estéticos incomuns a estes estudantes, em um primeiro momento, parecem confusas, ao serem apresentadas em meio a uma perspectiva que valoriza sua vivência e seu contexto de experiências tornam a leitura do texto literário em algo prazeroso, lúdico e, acima de tudo, significativo. Tal afirmação se torna ainda mais relevante ao levar em conta a temática proposta pela Olimpíada - O lugar onde vivo.

### 3. A escrita do aluno em diálogo com a interpretação da Literatura

Via os meninos que jogavam bola de meia ao modo que de couro. E corriam velozes pelo arruado ao modo que tivessem comido canela de cachorro. Tudo isso mais os passarinhos e os andarilhos eram paisagem do meu avô. Chegou que ele disse uma vez: Os andarilhos, as crianças e os passarinhos têm o dom de ser poesia. Dom de ser poesia é muito bom!<sup>2</sup>

Uma bola de meia que rola pela rua, crianças que riem em meio ao jogo simples de pelada, nada mais que o som das ruas de qualquer cidade. Uma paisagem metamorfoseada em lembrança, rememorada por um adulto ao ouvir, mentalmente, a voz de seu avô que, brilhantemente, transfere ao simples a temática para a poesia. Nessa bucólica infância descrita por Manoel de Barros, contemplamos uma sequência de experiências advindas da mais tenra idade. Do mesmo modo, crianças de hoje gritam e correm atrás de bolas e pipas, observam pássaros que voam nos fios dos postes e aproveitam sua juventude por meio das brincadeiras. O ambiente da epígrafe citada não é aquele que cerca as crianças de uma comunidade de baixa renda como a de Ceilândia - Distrito Federal, mas faz com que adolescentes, em uma sala de aula, consigam inferir referências de suas atividades realizadas durante os momentos de descanso de suas vidas.

De maneira semelhante, *Transplante de Menina*, de Tatiana Belinsky,<sup>3</sup> retrata a infância de uma criança que, recém-chegada ao Brasil, vai com a família para o carnaval do Rio de Janeiro. A alegria de observar o barulho docemente ensurdecido do samba que toma conta da Cidade Maravilhosa marca, de maneira definitiva, a criança que, em sua fase adulta, retrata sua experiência por meio do texto. Nessa premissa, um aluno levanta a mão para relatar sua viagem a Caldas Novas - cidade turística do estado de Goiás e recorrente nas férias no Distrito Federal. Percebe-se a emoção ao brincar nas piscinas de águas quentes, nos parques temáticos que compõem a cidade. Um por um, os alunos vão relatando suas férias, nos mais diversos locais do grande Brasil do qual são

---

<sup>2</sup> BARROS, M. O Lavador de Pedra, texto que integra a coletânea de memórias literárias utilizadas pela Olimpíada de Língua Portuguesa, p. 11.

<sup>3</sup> Texto que também integra a coletânea de memórias literárias realizadas nas oficinas da Olimpíada de Língua Portuguesa, p. 5.

integrantes. Porém, algumas não estarão em outros estados, mas limitadas, por falta de recursos financeiros, a suas casas, algo que não impedirá a formação de memórias, talvez tão significativas quanto as de Belinsky.

Na ótica do que foi mencionado anteriormente sobre as propostas das Olimpíadas, os resultados vão surgindo e o processo de leituras e interpretações do texto literário vão se convertendo em narrativas de anônimos. As palavras bem elaboradas e as memórias das coletâneas servem de influência para textos ainda originais de autores desconhecidos que também conseguem reproduzir suas lembranças. A vida de uma neta de italianos como a da personagem de *Parecida mas diferente*,<sup>4</sup> de Zélia Gattai, dialoga com a dura chegada de uma família numa cidade que possui no próprio nome a marca de sua construção desorganizada da capital do país - Ceilândia<sup>5</sup>. Tal análise da obra em diálogo com a recepção advinda do estudante por meio de sua interpretação, mas com a Teoria Literária, o processo de composição do texto ficcional e a relação entre o autor e suas próprias leituras são cruciais para sua formação como escritor.

Ao experimentar o cotidiano por meio do jogo simbólico e ficcional da narrativa é que o autor transforma o real em obra literária. Claro que, nesta análise, não se deve esquecer que se trata de um processo que se ampara no dialogismo, visto “[...] este enunciado criado por meio da escrita estar sempre em relação a outros enunciados” (COMPAGNON, 2001). Todo ato de produzir do autor se ampara numa ligação intertextual com o referente que já se apresenta por meio da Literatura existente, citações de escritores que serviram como base de sua leitura de mundo e de sua visão social da realidade, concebida de maneira ideológica.

---

<sup>4</sup> Texto componente da coletânea citada anteriormente, pp. 6-7.

<sup>5</sup> O nome Ceilândia vem de C.E.I. (Campanha de Erradicação de Invasões) mais o termo "landia" de "land", ou seja, terreno, lugar. Cidade Satélite da periferia de Brasília que serviu como moradia de pessoas que invadiam localidades no Plano Piloto, por isso zona de moradias populares. Trata-se de uma cidade construída nos arredores de Brasília e que possui um fluxo intenso de descolamento para trabalho e lazer em direção da capital federal (PAVIANI, 2001). Sua região engloba o maior contingente populacional do Distrito Federal, formada majoritariamente por pessoas pobres e um grande déficit de moradia, visto que boa parte dos habitantes ainda necessitam viver de aluguel (PAVIANI, 1991). Sendo assim, temos o reflexo da realidade apresentada pelos alunos em seus textos: uma cidade marcada pela situação periférica e com todas as dificuldades de um local em processo de construção - do ponto de vista econômico, geográfico ou mesmo de identidade cultural.

De tal maneira, o autor nada mais é que um leitor de outros que o antecederam, mesmo porque não há como se relevar a importância de quem lerá e receberá esse ato representativo que é a obra literária. O texto apenas assume existência quando interpretado, tal como afirma Eagleton (2003, p. 102-103): “Estes textos não existem nas prateleiras das estantes: são processos de significação que só se materializam na prática da leitura”. Para que a leitura aconteça, “o leitor é tão importante quanto o autor”. É na figura do leitor que o processo criado pela Literatura se torna um elemento cíclico. Da experimentação à escrita, por meio da representação, ao momento em que é lido, a relação autor/obra/mundo se consolida. Por meio deste jogo estético é que se sustenta a narrativa, na sucessão de recriações do real recebido e percebido pela visão criativa que a produz, com a finalidade de gerar uma emoção específica, uma visão de determinado fato ou mesmo se posicionar diante do mundo que o cerca<sup>6</sup>. Neste ambiente, que se apresenta de maneira ficcional, é que o leitor interpreta não só o que lê, mas questiona a si:

O leitor é livre, maior, independente: seu objetivo é menos compreender o livro do que compreender a si mesmo através do livro, aliás, ele não pode compreender um livro se não se compreende ele próprio graças a esse livro. (COMPAGNON, 2001, p. 144)

De maneira geral, é apenas na escola que a criança de periferia possui contato com essa realidade tão "diferente" da sua. No ambiente da sala de aula,

---

<sup>6</sup> Tal perspectiva se refere ao que Wolfgang Iser cita sobre os espaços da obra que não precisam ser complementados, mas articulam as perspectivas de apresentação, possibilitando a conexão dos segmentos textuais (ISER, 1999, p. 126). De tal forma, o leitor não consegue abarcar todas as perspectivas que o texto pode oferecer, valendo-se de escolhas, a partir do qual sua leitura deve partir, tal como afirma: cada perspectiva não apenas permite uma determinada visão do objeto intencionado, como também possibilita a visão das outras (ISER, 1996, p. 179). Em complementaridade ao teórico, Umberto Eco considera que estes "hiatos" já pressupõem a recepção do leitor, ao dizer que: à medida que passa da função didática para a estética, o texto quer deixar ao leitor a iniciativa interpretativa (ECO, 1986, p. 37). Por tal razão, a presença do leitor transforma um ato puramente estético em elemento mais concreto a partir de sua leitura, algo que é analisado, no presente projeto, pela construção da memórias dos alunos ao estabelecer relação entre o que aprende nas aulas de Literatura e relaciona ao seu cotidiano. Esta ligação proposta entre o real e o ficcional é apresentado por Hans Robert Jauss que valoriza o efeito da obra em sua posteridade. A Literatura provoca este efeito de associar elementos de sua vida diária ao que é apresentado esteticamente, como denomina: a função social somente se manifesta na plenitude de suas possibilidades quando a experiência literária do leitor adentra o horizonte de expectativas de sua vida prática (JAUSS, 1994, p. 50).

que também é parte de seu lugar<sup>7</sup>, o professor pode se utilizar dos recursos e teorias literárias para auxiliar o aluno a se compreender como fundamental para a realidade em que vive. Ao se discutir o conceito de experiência e memória, chegamos à análise dos textos literários que funcionam como veículo de inter-relação entre o narrado e a própria realidade. Os livros abrem as portas para o conhecimento do espaço do indivíduo e as experiências ali vividas, uma forma de "pertencer ao mundo" (PETIT, 2008, p. 84). Neste ponto que se insere a importância do diálogo do professor com o texto literário proposto para atividade pedagógica. É o que Matos (1987, p. 20) define por "[...] o ensino da Literatura é, em rigor, impossível, pela simples razão de que a experiência não se ensina. Faz-se. Mas podem e devem criar-se as condições para essa experiência: removendo obstáculos e proporcionando ocasiões".

Por meio da criação dos estudantes, temos a imagem deste Lugar, ou seja o marrom da poeira que sobe pelos ares quando os carros passam pela rua ainda sem asfalto, deixando sua cor nas paredes, ainda sem reboco, das casas simples na qual família (ou famílias) criam seus filhos e mantêm sua descendência. Tal visão dialoga com o que preceitua Petit: por meio do livro que o estudante experimente a fuga de seu exílio interior, constrói seu dia a dia através do fio condutor de sua própria história e se apropria do texto literário para atravessar mesmo situações de dificuldade em que vive (PETIT, 2009, p.266).

O cheiro da terra molhada pela chuva, as crianças sujas que correm no lamacento das ruas correndo atrás de uma bola, o choro do bebê de uma mãe com mais de seis filhos, mesmo ainda jovem, o bêbado que faz os homens dos bares sorrir (normalmente pai das crianças citadas anteriormente) são os traços de lembrança que sustentam o texto de vários alunos. Por vezes, não paisagens bucólicas, mas a dor de um menino que torce para que o pai não saia da cadeia, o terror de que volte a ver e vivenciar na pele a mãe agredida na cozinha, retrato

---

<sup>7</sup> Ainda mais se levar em consideração ao fato do Lugar não ser apenas físico, apresentado geograficamente enquanto paisagem, mas relacionado a uma gama de possibilidades que partem também para o subconsciente e das relações que se estabelece com o mundo. No Lugar em que vive, o indivíduo tem a liberdade de criar, imaginar e reimaginar, bem como de desenvolver ao bel prazer. Não é um ambiente neutro, mas parte de uma série de relações e inter-relações que envolvem desde as questões espaciais reais e comunitárias, à leitura oferecida por meio do texto ficcional.

de uma sociedade excludente, que deixa seu povo à margem, mas que serve como atividade de produção textual para um professor que, muitas vezes, às lágrimas, choca-se com a dura realidade que está muito além dos muros de sua sala de aula/escola. Com isto, o professor traz para sua prática docente o que Lajolo indica como sendo uma das possibilidades conceituais do estudo de Literatura, ou seja, valorizar "as linhas que cada um rabisca em momentos especiais, ou aquele conto que alguém escreveu e está guardado na gaveta" (LAJOLO, 1989), e que, mesmo estando aparte do ensino tradicional - que foca em autores renomados - não devem ser excluídas na prática de estudo escolar da Literatura.

Pela leitura do mundo, o aluno experimenta a palavra escrita. Das experiências que os anos, em seu local de fala, oferecem. Assim se configura o processo de aprendizagem do texto literário em sua integridade. Mais que apenas ler, o estudante contextualiza a obra por meio seus atos íntimos e pessoais, como diria Paulo Freire: "a leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura de mundo, mas por uma certa forma de escrevê-lo, quer dizer, de transformá-lo através de nossa prática consciente" (FREIRE, 2011: 30). Em sua história particular, simples do cotidiano das ruas que a relação entre autores conhecidos e o estudante entra em confluência de suas realidades (mesmo que de uma obra ficcional). Por meio da leitura, os elementos do dia a dia se tornam escrita, memória, como diria Garcez: "em um movimento constante de recriação e reinterpretação de informações, conceitos e significados" (GARCEZ, 2010, p. 50).

Estas discussões e análises são perfeitamente realizadas a partir das teorias que envolvem a recepção da Literatura. Por meio da leitura de um autor renomado, o leitor preenche os chamados "hiatos", por meio de suas escolhas pessoais (ISER, 1996), como que a obra oferece. O que é dito pelo autor se torna elemento dialógico para a produção de jovens em escolas e servem como base para uma análise de como o texto literário é fundamental para a compreensão de si e de seu Lugar no mundo. Podemos até ampliar essa significação, pois é pelo conto que as novas realidades se inserem no universo singular de um estudante. Pelo encontro com este outro ficcional que as memórias tomam forma

e refletem sua interpretação. Pela observação do objetivo do material oferecido pela Olimpíada que visualizamos sua finalidade: aproximar-se dos ausentes, compreender o que se passou, conhecer outros modos de viver, outros jeitos de falar, outras formas de se comportar representam possibilidades de entrelaçar nossas vidas com as heranças deixadas pelas gerações anteriores<sup>8</sup>.

Neste processo dialógico do autor com seu leitor e sua realidade que o estudo da Literatura atinge um de seus maiores objetivos. A obra é lida e deixa de ser apenas páginas que formam poeira em prateleiras, tomam vida, “dotamos a imagem de referência às coisas passadas” (RICOEUR, 2010, p. 24). A memória do autor entra em contato com a memória do aluno leitor que procura representar sua vida em um outro texto, numa cadeia de intertextos que se complementam, relacionam e estabelecem significado. “Pela atividade puramente cognitiva, configurada como uma experiência de tempo, produzida pelo autor gera o reconhecimento por parte do leitor” (COMPAGNON, 2001, p. 131). Pelas experiências vividas por um escritor que as memórias se afloram. Nos textos clássicos, os poetas evocavam a suas musas a inspiração, pediam que a entidade mítica o dotasse do dom da palavra, nada mais que “um símbolo do aprofundamento do subconsciente para trazer à tona as lembranças” (DEWEY, 2010, p. 162). Da mesma maneira, a Literatura extrapola o limite das páginas e leva o leitor a rememorar situações presenciadas em seu próprio passado.

Se por um lado as memórias selecionadas pela OLP retratam a infância de crianças espalhadas por Rio de Janeiro, São Paulo, da natureza do Pantanal, na cidade de Pedra Lisa, do lado de fora da página do livro um jovem se utiliza desta experiência proveniente das memórias dos escritores para elaborar a representação de sua cidade<sup>9</sup>. Em sala, o diálogo com o experimentado cotidianamente torna um ato, na maioria das vezes, tão cansativo e maçante que é a leitura de texto literário, por parte de alunos do ensino fundamental, em algo

---

<sup>8</sup> *Se bem me lembro...*, 2014, p. 18.

<sup>9</sup> Ceilândia, formada por quatro grandes partes: Ceilândia Sul, Norte, Centro e Guariroba, divididos em Psul, Pnorte, Setor O, QnQ, QnR, condomínios Sol Nascente e Pôr do sol, somando um total de 449.592 habitantes segundo pesquisa de amostra de domicílios da CODEPLAN realizado em 2013/2014 (PAVIANI, 2001).

agradável. Ao relacionar realidade e ficção, a didática do ensino de Literatura foge, assim, das análises tradicionais padronizadas de estudo literário<sup>10</sup>. Ao voltar a interpretação para o contexto pessoal, levando o estudante a representar Ceilândia por meio de suas próprias memórias, o professor situa as discussões propostas por narrativas de autores famosos no ambiente anônimo de uma cidade com quase meio milhão de habitantes da qual faz parte o aluno, ao aproximar seu lócus individual da Literatura.

#### 4. Considerações finais

O professor, deste modo, insere-se como o mediador da discussão, promovendo o diálogo entre a obra e o aluno, não o obrigando a seguir padrões de interpretação ou impondo um ensino voltado para questões muito distantes da realidade discente, mas relacionando o que dito ao contexto do estudante, promovendo a representação de seu Lugar de fala. Ao trazer este espaço de vivência e seu questionamento, a proposta da OLP funciona como elo com as novas práticas de ensino da Literatura que é o de "buscarem novas propostas didáticas para sua adequada seleção e utilização nas escolas, a fim de se formarem leitores críticos e transformadores da sociedade" (MAGNANI, 2001, p. 15).

Na recepção ao texto literário, na posição crítica do leitor que se torna capaz de reproduzir, ou representar, sua própria realidade, também de maneira ficcional no texto de memória do aluno. Foge-se, assim, das práticas fechadas e tradicionais de se ensinar Literatura, voltando para a importância do indivíduo (aluno) enquanto leitor e seus interesses ao ler a obra, tal como afirma Cereja: "[...] a expectativa do aluno é que o ensino de literatura se torne significativo para ele, ou seja, possibilite o estabelecimento de nexos com a realidade em que vive, bem como de relações com outras artes, linguagens e áreas do conhecimento" (CEREJA, 2005, p.53). As memórias anônimas produzidas em sala, mesmo não

---

<sup>10</sup> Neste caso, consideramos ensino tradicional padronizado de Literatura como a didática já ultrapassada, mas ainda presente nas escolas, de se ler a obra e interpretar de acordo com padrões pré-estabelecidos, o que, muitas vezes, descarta a interpretação do aluno e sua contextualização a partir de elementos constitutivos de seu cotidiano e que individualiza a leitura da Literatura.

sendo um exemplo de obras de autores conhecidos ou valorizados pelo meio artístico e acadêmico, tornam-se material de pesquisa para compreender esta relação entre o autor e a leitura realizada para gerar novamente uma interpretação ao representar a si e seu espaço de vivência num processo de relações mediadas pela leitura do texto Literário.

## Referências

CEREJA, William Roberto. *Ensino de literatura: uma proposta dialógica para o trabalho com literatura*. São Paulo: Atual, 2005.

COMPAGNON, Antoine. *O demônio da teoria*. Minas Gerais: Ed. UFMG, 2001.

DEWEY, John. *A arte como experiência*. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

EAGLETON, Terry. *Teoria da Literatura: uma introdução*. Trad. Waltersin Dutra. 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ECO, Umberto. *Lector in fabula: a cooperação interpretativa nos textos narrativos*. Tradução: Attílio Cancian. São Paulo: Perspectiva, 1986.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler: em três artigos que se completam*. 51ª ed. São Paulo: Cortez, 2011.

GARCEZ, Lucília. *A escrita e o outro: os modos de participação na construção do texto*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2010.

ISER, Wolfgang. *O ato de leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1996, v. 1.

ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução: Johannes Kretschmer. São Paulo: Ed. 34, 1999, v. 2.

JAUSS, Han Robert. *A história da literatura como provocação à teoria literária*. Trad. de Sérgio Tellaroli. São Paulo: Ática, 1994.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. Prefácio à 2ª. edição. In: \_\_\_\_\_. *Leitura, literatura e escola: sobre a formação do gosto*. São Paulo: Martins Fontes, 2001. p. XIII-XIX.

MATOS, Margareth. *Reflexões sobre leitura. Ler e escrever: ensaios*. 1987. Lisboa, IN-CM.

PAVIANI, Aldo. *Brasília e sua periferia: a construção injusta do espaço urbano*. IV Encontro Nacional da ANPUR, Salvador, 27 a 31 de maio de 1991.

PAVIANI, Aldo. *Brasília no contexto local e regional: urbanização e crise*. Artigo apresentado no seminário "Brasília: passado, presente e futuro", Brasília, 19 a 21 de setembro de 2001.

PETIT, Michele. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Tradução Olga de Souza. São Paulo: Editor 34, 2008.

PETIT, Michele. *A arte de ler ou como resistir à diversidade*. São Paulo: Editora 34, 2009.

MEC - *Se bem me lembro*: caderno do professor: orientações para a produção de textos. 4ed. São Paulo: Cenpec (coleção das Olimpíadas de Língua Portuguesa), 2014.

RICOEUR, Paul. *Tempo e narrativa - a intriga e a narrativa histórica*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

TODOROV, Tzvetan. *A Literatura em perigo*. Trad. Cairo Meira. Rio de Janeiro: DIFEL, 2009.